



ARTE E CRIATIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO DE MÚLTIPLAS INTELIGÊNCIAS: UMA QUESTÃO PARA REFLEXÃO E OBSERVAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

Nayara Costa Araújo¹
Cleide Araújo Machado²

¹IFG/ nayaracostaaraujo@gmail.com

²IFG/cleidi.lettras@ifg.edu.br

Resumo:

Arte e criatividade sempre foram objetos de estudo e de busca constante de definições e regras que as guiassem. Seu papel na vida cotidiana é incontestável, mas e na vida acadêmica? Qual seria seu lugar e sua importância no processo formativo do indivíduo? Por que de acordo com a evolução acadêmica sua importância vai sendo diminuída? Partindo de uma inquietação pessoal a respeito do papel da arte e da criatividade na formação acadêmica, social e profissional, surge essa pesquisa de caráter bibliográfico e de natureza qualitativa, na qual suscitamos uma reflexão no esforço de compreender a importância das artes e defender seus benefícios no desenvolvimento de inteligências múltiplas e da percepção do indivíduo de si e de seu papel em sociedade.

Palavras-chave: Arte. Criatividade. Inteligências múltiplas.

Considerações iniciais

Desde os primeiros registros da existência humana e de sua estada nesta Terra, uma linda forma de marcar presença pode ser vista: a arte. O ser humano sempre se valeu das criações artísticas como forma de se colocar no mundo, mesmo que de maneira inconsciente. Um dos “objetos” mais utilizados para identificar um povo ou para sondar aspectos de uma sociedade é a observação de suas criações artísticas, sejam elas pinturas rupestres, painéis, artefatos de decoração, instrumentos musicais, obras literárias, entre outros.

A arte sempre foi instrumento de identificação e sua importância é incontestável, mas afinal, o que é arte? Muitos são os resultados encontrados, no entanto, sabe-se que desde o início dos tempos se busca um conceito que sintetize e normatize o que pode ou não ser considerado Arte e ainda não há um consenso.

Bosi (1999) divide a arte em três linhas de reflexão estética, sendo elas: a) Arte como construção, um fazer, um conjunto de atos pelos quais se muda a forma, se transforma a matéria oferecida pela natureza e pela cultura; b) a Arte como conhecimento, uma forma de representação que percorre vários caminhos; c) a Arte como expressão, utilização de corpo, voz, músculos e expressões em favor de demonstrar o que se leva por dentro.

Essa visão da Arte como ferramenta de mudança, também, é compartilhada por Camargo, Moraes e Hoffman (2014) que veem a arte como instrumento de transformação, de humanização de um indivíduo, sendo capaz de desenvolver o gosto pela busca do conhecimento teórico e assim descobrir um impulso criativo para produzir Arte. A humanização parte da premissa de que é necessário sermos ensinados a conviver em sociedade e nesta perspectiva, a Arte surge como elemento sensibilizador, pois é por meio dela que as pessoas vão se exprimir e revelar suas intenções.

Kant, na obra “La pedagogia”, afirma que o ser humano “[...] é a única criatura que precisa ser educada” (2005, p. 11). Tudo que sabemos e ensinamos foi recebido de outras pessoas que passaram pelo mesmo processo de socialização, em decorrência dessa prática as qualidades ou defeitos de um grupo vão sendo repassados coletivamente de uma geração para outra geração. Nesse sentido é importante identificarmos os problemas pontuais oriundos da naturalização de comportamentos culturais para fazermos as interferências pertinentes com o fito de avançarmos na direção da humanização. Assim, reafirmar que não nascemos humanos, mas nos tornamos humanos como Immanuel Kant, Joseph Campbell ou Lev Vygotsky já disseram não é ser redundante e sim um recurso para provocar a reflexão sobre os caminhos que nos fizeram sermos quem somos hoje.

A arte surge de um processo criativo, seja ele considerado dom/talento ou habilidade desenvolvida (ALVES e CASTRO, 2015). A criatividade é característica necessária para qualquer tipo de criação artística, seja ela qual for. Em nossa compreensão, se uma pessoa é estimulada frequentemente para o desenvolvimento da criatividade, desde a infância, as chances de experienciar atividades artísticas aumentam proporcionalmente. Em outras palavras acreditamos que todas as pessoas têm potencial artístico, mas nem todas vivenciam oportunidades de desenvolvê-lo.

Se passarmos algum tempo observando uma criança, conseguiremos perceber o quanto sua mente é criativa. Nas palavras de Castro (2006, p. 51), ela cria mundos, histórias, faz

brinquedos de objetos que não possuem essa finalidade, constrói fortes e casas em materiais aleatórios e essa (...) "interação da criança com este mundo que a rodeia permite que ela desenvolva sua imaginação e criatividade, na medida em que possibilita que ela formule perguntas, busque respostas, descubra e construa o conhecimento”.

A criatividade é instrumento primordial para o desenvolvimento de qualquer área do conhecimento. Como pode um arquiteto desenvolver um projeto arquitetônico sem usar sua criatividade? Um médico desenvolver novas técnicas de tratamento de alguma doença sem usar sua criatividade? Um engenheiro pensar em um projeto inovador sem usar sua criatividade?

Nesse sentido, este estudo favorece uma reflexão sobre a competência profissional em qualquer área do conhecimento, tendo por base o desenvolvimento da criatividade e das Artes. Segundo Castro (2006, p. 51), “[i]maginação e criatividade (...), não são instâncias circunscritas apenas ao trabalho artístico, são fundamentos do desenvolvimento do homem completo. São pressupostos sobre a ação do homem sobre o mundo e para análise, construção e modificação das coisas que o rodeiam”.

Não acreditamos na completude da pessoa humana, somos um mosaico de muitas experiências que vamos recebendo ou construindo ao longo da vida, somos fragmentados, apesar desse posicionamento partimos das ideias de Castro (2006), em relação à necessidade da criatividade e da arte para a constituição de um indivíduo menos resignado, buscaremos saber qual o papel destes elementos no processo de formação acadêmica, social e profissional do indivíduo.

Essa pesquisa parte da observação empírica sobre a prática escolar nos diversos níveis de ensino, desde a educação infantil até o ensino superior. A observação e registros de campo foram feitos desde quando começamos a frequentar a escola, como alunas na educação infantil, depois com mais atenção no campo de estágio, realizado em escolas públicas de Goiânia, durante o curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa de agosto de 2019 a dezembro de 2020.

Não é difícil detectar que nos anos iniciais as crianças são mais estimuladas a trabalhar com insumos artísticos tais como papel branco/colorido, tinta, lápis de cor/de cera, massinha de modelar, glitter, cola, bem como com as práticas de teatralização, dança, música etc. As produções artísticas vão diminuindo de acordo com o “avanço” na escolarização e o pilar da

formação acadêmica vai se fundando nas habilidades de linguagem verbal e de cálculo matemático, apenas.

Via de regra, o que é Arte perde seu poder original para servir às práticas pedagógicas na escola. Em tempos difíceis como os que estamos vivendo ultimamente, com registros de doenças transcontinentais como os casos de infectados ou mortos por COVID-19, desastres de toda natureza, conflitos sociais e políticos, entre outros problemas, as Artes são artifícios de sobrevivência. O estímulo para as atividades artísticas pode ser um instrumento hegemônico na motivação para a pesquisa, para o desenvolvimento da inquietação/reflexão que tire o indivíduo do seu lugar de conforto, que o ajude a empreender uma visão crítica a respeito das coisas e que o torne capaz de enxergar o mundo a partir de uma perspectiva mais criativa.

Diante do exposto, reiteramos que os objetivos desta pesquisa são refletir sobre a importância das Artes e da criatividade, como sendo partes essenciais, na formação do indivíduo em âmbito acadêmico, social e profissional; e defender os benefícios que um fomento contínuo em Artes poderia proporcionar para a percepção de si e do papel social individual.

Metodologia

A pesquisa realizada centrou-se na pesquisa bibliográfica, dentro da abordagem qualitativa. As informações utilizadas, fruto de leitura de material teórico de diferentes áreas do conhecimento, possibilitaram uma reflexão mais abrangente a respeito do tema. Segundo Gil (2008, p. 50) a “pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. E sua principal vantagem, de acordo com Gil (2002, p. 45)

reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. [...] A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos.

A pesquisa de cunho qualitativo tem como premissa o fator humano, pois a análise de dados não segue uma regra pré-estabelecida, sendo condicionada à capacidade e estilos do pesquisador (GIL, 2008).

O desenvolvimento das inteligências de acordo com Gardner

Howard Gardner é psicólogo cognitivo e educacional estadunidense e atua como professor nas universidades de Harvard e Cambridge. Conhecido mundialmente na área educacional, principalmente por sua teoria a respeito das inteligências múltiplas. Ele acredita que as inteligências humanas não se baseiam apenas nas aptidões intelectuais que podem ser medidas a partir de testes específicos (como o de Quociente de Inteligência - QI). Para Gardner cada pessoa possui diferentes habilidades que o constitui como sujeito e são essas diferentes inteligências que nos distinguem (SMOLE, 1999).

Inicialmente o estudioso separou as inteligências em sete categorias, porém como sua pesquisa continua, hoje são classificadas nove inteligências sendo elas: linguística, lógico-matemática, espacial, físico-cinestésica, interpessoal, intrapessoal, musical, naturalista e existencial (KORNHABER; WINNER, 2013; SMOLE, 1999)

A teoria de Gardner surge de sua insatisfação a respeito de critérios utilizados para “medir” a inteligência humana. Essa inquietação deu origem à teoria das inteligências múltiplas, nela o autor busca demonstrar que os seres humanos possuem várias inteligências e isso nos faz diversos. A investigação aplicada em contexto escolar teve grande repercussão, pois ia em sentido contrário aos modelos de avaliações de inteligência utilizadas até então. Para o psicólogo, testes específicos como o de Quociente de Inteligência (QI) eram vistos como genéricos, posto que apenas consideravam algumas poucas habilidades, além de limitar a capacidade intelectual de um indivíduo apenas ao desempenho obtido em um teste (SMOLE, 1999). A crença na inteligência como algo que pode ser medido desconsiderava várias habilidades que não eram avaliadas nestes testes e ainda na atualidade favorece uma prática escolar para a promoção de capacidades requeridas para o êxito no cômputo.

Historicamente percebemos que no âmbito educacional o foco principal, ainda, gira em torno de duas inteligências específicas: a lógico-matemática e a linguística, as quais recebem maior relevância e normalmente são vistas de maneira separada das demais inteligências. A desvinculação das inteligências produz uma falsa percepção das capacidades intelectuais individuais. Muitas vezes, uma pessoa que tem um baixo desempenho em um teste/prova é tida como uma pessoa de baixa capacidade de aprendizagem escolar, o que, frequentemente, é algo incorreto e excludente.

A criatividade como elemento necessário à construção de conhecimentos

Assim como a Arte, a criatividade também se tornou objeto de muitas pesquisas e as principais inquietações giram em torno de sua origem e de seu processo. É corriqueiro escutar queixas sobre ser ou não ser criativo, ou que para trabalhar em algo ou desenvolver alguma atividade específica é necessária muita criatividade. A criatividade está sempre ligada a uma questão individual, algo inerente a uma pessoa, você é ou não criativo, e isso “aparentemente” é algo definitivo, permanente e seletivo. Malgrado não haja consenso para uma definição da ideia de criatividade, Alves e Castro (2015, p. 49) ensaiam algumas tentativas apontando a

crença na criatividade como **dom divino** ou lampejos de inspiração; questão de tudo ou nada, ou se é criativo ou não; associação entre alta criatividade e loucura; criatividade como dependente apenas de fatores intrapessoais, descartando as contribuições do meio no processo criativo (Grifo nosso).

Esta visão (de)limitante da criatividade, tratada como algo isolado, que surge apenas de uma produção individual e que não é afetada por quaisquer outros fatores, já foi contestada em diversas ocasiões, inclusive nós defendemos a capacidade de desenvolvimento da criatividade e de habilidades artísticas como pintar, cantar, desenhar, fotografar e dançar como habilidades desenvolvidas no meio social, estimuladas ou encorajadas por outras pessoas do grupo ao qual pertencem.

A criatividade é vista como algo que permeia a produção ou a criação artística, porém, pouco se atenta à sua importância na formação da inteligência individual. A criatividade na infância é responsável por acentuar o desenvolvimento de várias características psicológicas

que formam a personalidade. Algumas pessoas se destacam nesta fase da vida como sendo mais ou menos criativas que outras, entretanto a criatividade não se limita apenas à fase inicial da vida do ser humano, ela está presente em todas as etapas e é elemento importante para um crescimento constante do indivíduo. Para Alves e Castro (2015, p. 55)

O desenvolvimento humano é um processo contínuo e dinâmico que envolve a personalidade, por isso, a criatividade está ligada às características psicológicas das etapas evolutivas do ser e, neste sentido pode ser desenvolvida desde que se reforce as funções humanas envolvidas em seu processo e melhore a utilização de recursos individuais, aproveitando potencialidades e dando atenção a atitudes conformistas.

A visão da criatividade como algo imanente esteve presente, principalmente, em questões relacionadas à criação artística. Acredita-se, ainda hoje, que a Arte ou os artistas são apenas aqueles que desenvolvem peças denominadas como Artes. Segundo Read (1978 apud ROSAS, 2021) a simples palavra “Arte” associa-se, na maior parte das vezes, às Artes que se distinguem como “plásticas” ou “visuais”. Nós entendemos que as habilidades artísticas transcendem essa expectativa, sendo evidenciadas tanto de maneira implícita, quando observamos talentos diferenciados para a consecução de uma tarefa simples ou complexa, quanto de maneira explícita, quando alguém reinventa um modo de fazer algo que tradicionalmente era feito de outro modo.

Voltando ao meio acadêmico, uma formação na qual apenas a vertente artística convencional é priorizada tira do aluno a possibilidade de expansão de seus conhecimentos e reforça privilégios a uma parcela pequena da população que tem acesso à Cultura canônica. Essa valorização elitista reforça preconceitos e leva a uma desvalorização ainda maior das culturas tidas como populares (BOSI, 1992). A Arte, direcionada ou não a um grupo social, juntamente com o desenvolvimento da criatividade, participa na formação de características da personalidade essenciais para a compreensão do indivíduo enquanto pertencente a uma sociedade.

A autoestima, por exemplo, é uma parte da personalidade, na qual facilmente podemos perceber os benefícios do desenvolvimento da criatividade e das Artes. Pessoas que optam por entrar a uma aula de teatro ou a um curso de oratória percebem como essa vivência pode auxiliar na sua interação social e na desenvoltura em público. Pessoas que buscam aulas de dança podem se sentir mais confiantes em relação a seus corpos. As atividades de dança, teatro, canto e oratória poderiam fazer parte da dinâmica escolar em todos os níveis de escolarização, da

educação infantil à (pós)graduação sem alterar os conteúdos programáticos previstos para cada ano do currículo. Entendemos que as habilidades desenvolvidas na escola reverberarão na vida social e profissional das pessoas, então qual o sentido de desenvolver predominantemente apenas as inteligências lógico-matemática e linguística? Por que não incorporamos as inteligências espacial, físico-cinestésica, interpessoal, intrapessoal, musical, naturalista e existencial nas atividades acadêmicas? É consenso que nós queremos uma escola melhor para a população, então por que não repensar a escola e os currículos? Por que não ampliarmos o desenvolvimento das inteligências múltiplas com vistas a ampliar o potencial transformador de cada pessoa?

Não parece caber dúvidas sobre os benefícios do desenvolvimento de outras inteligências na escola, tão essenciais para o desenvolvimento social e profissional, quanto as inteligências lógico-matemática e linguística, com isso é plausível inclusive que o estudante tenha uma passagem pela academia menos dolorosa. Para Schultheisz e Aprile (2013, p. 36), “a autoestima corresponde à valoração intrínseca que o indivíduo faz de si mesmo em diferentes situações e eventos da vida a partir de um determinado conjunto de valores eleitos por ele como positivos ou negativos”. Desenvolver as múltiplas inteligências pode favorecer uma construção de autoestima positiva, transformando o autoconceito, reforçando o desejo de ampliar a aprendizagem e de desenvolvimento da autonomia.

No processo de autoconhecimento, quando decidimos escrever um diário, fazer um desenho, cantar uma música, ou até mesmo nos processos de experimentação, as Artes e o processo criativo são essenciais. Nossos gostos são parte importante na nossa personalidade, o tipo de música que gostamos de ouvir/dançar/cantar, o tipo de filmes que gostamos de assistir são características que nos identificam. Todas estas escolhas interferem em nosso autoconceito e conseqüentemente na nossa autoestima.

Schultheisz e Aprile (2013, p. 39) caracterizam o autoconceito como algo que “está diretamente relacionado à autoestima [...]. O autoconceito diz respeito às diversas faces da imagem do indivíduo. Já a autoestima corresponde à sua autoavaliação, isto é, como o indivíduo se coloca frente ao mundo e os sentimentos como se vê”. Essas características tão individuais, corriqueiramente, são responsáveis por nos identificarmos e nos sentirmos parte de um grupo, fazem-nos sentir pertencentes ou não a um “lugar”. Para Schultheisz e Aprile (2013, p. 38)

O indivíduo busca seus semelhantes, isto é, aqueles que compartilham suas crenças, valores e estilos de vida e elege ou não algumas pessoas como modelos de comportamento, estabelecendo com elas uma identificação positiva ou negativa. A partir de conceitos assimilados principalmente durante a adolescência, o indivíduo introjeta o que está de acordo com o que sente e pensa e descarta o que não acredita, chegando à vida adulta com os seus próprios valores.

A junção de todas as características psicológicas e individuais faz com que nossa personalidade seja desenvolvida e, a partir disso, que nosso processo de aprendizagem seja melhor conhecido, principalmente por nós mesmos. Algumas pessoas aprendem mais facilmente quando utilizam elementos visuais, há as que preferem elementos auditivos e outras aprendem de maneira cinestésica ou manipulativa. Segundo a classificação VAK de Bandler e Grinder (1979, apud SEBASTIAN-HEREDERO, 2019, p. 2306) os estilos de aprendizagem são

Visual: são pessoas organizadas e observadoras quando se refere a detalhes. [...] Aprendem realizando esquemas, resumos, imagens em geral.

Auditivo, é uma pessoa com facilidade para conversação e para aprender línguas. Tem facilidade para repetir o que escuta e memoriza sequências ou procedimentos.

Cinestésico ou manipulativo: é uma pessoa que se expressa muito corporalmente. É bom em tudo o que tenha atividades ou práticas em geral.[...] Precisa de uma abordagem funcional e/ou vivencial (Grifos do autor).

Os processos de aprendizagem são desenvolvidos de maneiras diferentes e, apesar de termos um pouco de cada estilo, um deles predomina em cada pessoa. O autoconhecimento auxilia, e é essencial, para que todo o potencial de descoberta seja explorado. Se no começo da escolarização havia um cuidado para o desenvolvimento holístico do estudante, incluindo na prática diária atividades artísticas variadas, com o decorrer dos anos o estímulo à criatividade vai sendo deixado de lado, tornando a escola um espaço hostil. O estudante vai introjetando ideias de utilidade dos conteúdos veiculados na escola de maneira deturpada, pois a razão de estar na escola é apenas “cumprir os anos obrigatórios e depois ser aprovado num exame seletivo” que lhe dê passagem para um curso superior, e logo ir ao mundo do trabalho, onde todo esse conhecimento apreendido na escola não tem lugar.

Considerações finais

Na teoria das inteligências múltiplas de Gardner, os estudos apontam para a necessidade de junção de conteúdos e atividades para que um indivíduo tenha uma formação mais ampla. Inteligências ligadas a questões artísticas podem auxiliar no processo de ensino aprendizagem, na criação e percepção de si mesmo, na identidade, no autoconceito e na auto-estima, além de possibilitar a expressão de sentimentos e sensações (SCHULTHEISZ e APRILE, 2013).

As Artes fazem parte da vida cotidiana e valorizá-la no âmbito da escola pode se transformar em ferramenta importante no ensino e aprendizagem para a construção de conhecimentos para a vida social, assim como para o desenvolvimento de profissionais em todas as áreas do conhecimento. Defendemos, então, que além das inteligências lógico-matemática e linguística, sejam estimuladas as inteligências espacial, físico-cinestésica, interpessoal, intrapessoal, musical, naturalista e existencial a partir das atividades propostas no currículo, entrelaçando o desenvolvimento da criatividade e das habilidades artísticas, pois essa vertente de ensino pode abrir novas possibilidades de formação. Acreditamos que essa direção de ensino pode potencializar novas formas de ser o/no mundo, sem mencionar que o tempo de escolarização poderia ser menos extenuante.

A Arte representa uma importante oportunidade de criação e reflexão, posto que pode possibilitar ao indivíduo uma percepção mais ampla do mundo e de si mesmo e o sensibiliza em relação ao outro, auxiliando na interação em sociedade (BOSI, 1992). Proporcionar acesso e produção de atividades de natureza artística como encenação, exposição fotográfica, declamação em saraus, oratória, apreciação estética da música e do cinema etc aproveitando-se das várias formas em que a Arte se manifesta, pode permitir um desenvolvimento amplo do educando e de todos os envolvidos no processo de construção do conhecimento.

Nessa primeira fase do estudo, observamos a importância do desenvolvimento da criatividade e das inteligências múltiplas por meio das Artes, cujo foco principal foi refletir sobre como isso é essencial na formação do indivíduo. Identificamos que no começo da escolarização são desenvolvidas mais habilidades artísticas, as quais vão recebendo menos atenção no decorrer da vida acadêmica, restando mais dedicação ao desenvolvimento das inteligências linguística e lógico-matemática quando o educando chega ao ensino médio ou superior.

Essa prática precisa ser reconstruída, pois todas as áreas do conhecimento precisam de criatividade para que o indivíduo possa fazer as transformações sociais na perspectiva da promoção da evolução da humanidade. Também demonstramos como o autoconceito e a autoestima podem estar atadas ao desenvolvimento das inteligências múltiplas. A valorização das Artes, em todos os níveis da escolarização, poderia favorecer um desenvolvimento mais amplo das habilidades acadêmicas, sociais e profissionais das pessoas.

É preciso seguir estudando a relação entre desenvolvimento das inteligências múltiplas, da criatividade e das próprias potencialidades artísticas; e o sucesso do indivíduo. Estamos em fase de mudanças na Educação e, apesar dos constantes golpes de sucateamento da escola, há uma necessidade de estimular a criticidade, para fortalecer os processos de resistência.

Referências

ALVES, Marta Luísa da Cruz Alves; CASTRO, Paulo Francisco de. Criatividade: Histórico, Definições e Avaliação. **Revista Educação**, v.10, n.2. 2015. p. 47-58. Disponível em: <http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/2161>. Acesso em: 24 jan. 2021.

BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. **Cultura brasileira e culturas brasileiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 308-345. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/cdrom/bosi/bosi.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2021.

BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a Arte**. Editora Ática, 6. ed. São Paulo, 1999.

CAMARGO, Soraia Haack; MORAES, Lidiane Cirilo de; HOFFMANN, Daiane Gaio. Arte produzindo transformação e humanização. **Anais da XI Jornada Científica da UNIVEL- valores humanos: um olhar diferente para a vida**. Cascavel, PR: UNIVEL, 2014. Disponível em: <https://www.univel.br/File/jornadacientifica/REVISTA%20JORNADA%20CIENTIFICA%202013.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2021.

CASTRO, Ana Luisa Manzini Bittencourt. O desenvolvimento da criatividade e da autonomia na escola: O que nos dizem Piaget e Vygotsky. **Revista de Psicopedagogia**, 2006. p. 49-61. Disponível em: <https://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/408/o-desenvolvimento-da-criatividade-e-da-autonomia-na-escola--o-que-nos-dizem-piaget-e-vygotsky>. Acesso em: 18 fev. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em : <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2021.

KANT, Immanuel. **La pedagogia**. Ed. Eletrônica 2005. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/lb000825.pdf>. Acesso em: 28 maio 2021.

KORNHABER, Mindy L.; WINNER, Ellen (Editors). **Mind, Work, and Life: A Festschrift** na ocasião do 70º aniversário de Howard Gardner. Cambridge: The Offices of Howard Gardner, 2013. Disponível em: <https://pz.harvard.edu/sites/default/files/gardner%20mind%2C%20work%2C%20and%20life.pdf>. Acesso em: 28 maio 2021.

ROSAS, Fátima Weber. **A criatividade na -educação**. Disponível em: http://nuted.ufrgs.br/oa/criativas/midiateca/modulo_1/A_Criatividade_na_Arte-educacao.pdf. Acesso em: 27 jan. 2021.

SCHULTHEISZ, Thais Sisti de Vincenzo; APRILE, Maria Rita. Autoestima, conceitos correlatos e avaliação. **Revista Equilíbrio Corporal e Saúde**, 2013. p. 36-48. Disponível em: <https://revista.pgskroton.com/index.php/reces/article/view/22>. Acesso em: 18 fev. 2021.

SEBASTIAN-HEREDERO, Eladio. Estilos de aprendizagem: um modelo de escala de observação docente para o estilo de aprendizagem. **REapt – RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. 4, p. 2301-2317, out./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12384/8772> . Acesso em: 18 fev. 2021.

SMOLE, Kátia Cristina Stocco. **Múltiplas Inteligências na Prática Escolar**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 1999. Cadernos da TV Escola. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002751.pdf>. Acesso em: 28 maio 2021.